

Existe uma vida inteira que tu não conhece [1]

por André Luiz Abu-Merhy Barroso [2]

A pandemia luziu uma determinada categoria social: o entregador dos aplicativos de celular. Com a burguesia reclusa em seus domínios, as ruas (quase) vazias campeavam corpos em risco. Um vai e vem pela cidade que fez (e ainda faz) circular, dentro das grandes mochilas dos entregadores, toda sorte de produtos. Naquela desértica cidade, entre gorjetas e avaliações virtuais, os entregadores se mantinham invisíveis ao olhar e, de certo modo, assim tomavam as ruas na sombra de seu anonimato. Seus corpos, instáveis pela velocidade das motocicletas, se mantinham à deriva da cena principal como instrumentos à serviço das necessidades do consumidor enclausurado. Nessa história, “nós éramos a máquina que estava fazendo a cidade funcionar” (Weber, A., 2021. p. 161).

(pequena biografia)

Allan Weber, nascido no Rio de Janeiro (1992), na comunidade das 5bocas em Brás de Pina, atual complexo de Israel.

Artista autodidata, largou a escola aos 16 anos e atualmente é bolsista do curso Formação e Deformação (2021) da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

“Nos meus trabalhos procuro mostrar um pouco da minha realidade e criar narrativas através das vivências cotidianas dentro da comunidade e meu trabalho como entregador de lanches (de aplicativo de entrega). São fotografias, objetos e ações que tencionam minha relação com elementos de uma classe social marginalizada e discriminada por sua cultura e comportamento. Em 2021, fundou a Galeria 5bocas, situada em Brás de Pina, expandindo seu trabalho para além da fotografia e dos objetos ao experimentar uma intervenção social articulada a coletivos e colaboradores diversos, promovendo trocas e aprendizados mútuos entre os moradores da comunidade e de outras partes do Rio de Janeiro.”

O primeiro contato de Allan Weber “com a arte”, como ele diz, foi através da pixação e com a fotografia foi através do *skate*. Ele conta que foi a pixação que o colocou “mais na rua”, funciona-

do como uma estratégia para afastá-lo do movimento relacionado ao tráfico de drogas. Já na rua, aprendendo a se inserir em novos contextos, Allan conseguiu tecer uma série de relações que o levaram até o *skate*, e foi na pista de *skate* da Lagoa Rodrigo de Freitas, zona nobre da cidade do Rio de Janeiro, que lhe foi possível perceber o valor documental de uma imagem fotográfica: “acabei comprando uma (câmera) que era só botar o filme e clicar” (ibid.,p.161). Logo, ele construiu um acervo de imagens, atento ao vestuário, ao estilo e à estética daqueles novos personagens que agora o cercavam.

Durante a pandemia, Allan conta que precisou trabalhar como entregador de um aplicativo, pois com o filho recém nascido em casa “não havia mais tempo para esperar”. Conseguiu uma moto através de um empréstimo com um amigo, um capacete, se cadastrou e começou a rodar mesmo sem uma habilitação e sem “placa”, como ele diz: “caí pra dentro, foda-se, tô trabalhando”. Sua mochila do aplicativo *ifood (invisível e útil)*, ele diz, lhe conferiu um “passe livre pela cidade”, passando por *blitz* policial, etc, afinal:

nós éramos uma máquina que estava fazendo a cidade funcionar. Esperei receber pra comprar um filme e começar a fazer os registros, era muita coisa acontecendo lá fora, quem está dentro de casa nem imagina, e todo mundo na mesma função, de forma silenciosa (ibid., p.161).

De dentro de um capacete, ao menos este que Allan Weber usou, foi possível recortar a realidade sob um enquadramento singular capaz de recolher poesia na impessoalidade das relações estabelecidas nesse circuito do *delivery*. Se tomarmos a fantasia como o instrumento freudiano para lidar com o caos ou, se preferirmos, uma estrutura lógica e ficcional, tela, anteparo diante do *real* que nos acossa, diríamos que o capacete aqui nos serve como uma grande metáfora: a parte dura e opaca deixa de fora do espelho do outro aquilo que não poderia aparecer sem nos agitar; ou ainda, a janela do visor poderia servir para recortar a realidade - um modo de interpretar o desejo do Outro e com ele negociar tempos de paz. Foi pela janela do visor de Allan Weber, o fotógrafo, que se abriu uma lente para revelar *uma vida inteira*, e deste acervo de imagens, de nítido valor documental, histórico e artístico ele construiu um livro onde foi possível escrever com imagens uma poesia singular. Seu tratamento ao real nos convida a olhar as imagens que ele inventou para acomodar qualquer coisa do impossível *que não cessa, não cessa de não se escrever*, mas que *se amarra* na lateralidade de uma fotografia, ao menos nestas que o artista nos mostra.

Difícil não ser tragado para dentro daquelas imagens. Seu trabalho é imenso, especialmente se considerarmos a espessura do processo: reparem que primeiro ele olhou alguma coisa para em seguida reconhecer o que para a maioria permanece invisível; depois, clicou, fez um registro; retornou seu olhar para aquelas cenas, agora como imagens, já recortadas por assim dizer, como fantasia diante daquilo que antes seria de impossível tradução, diante daquilo que não fazia palavra ou imagem; Allan fez um livro inteiro de imagens, cingindo toda aquela realidade dispersa na velocidade de um cotidiano (quase) inapreensível. Construiu narrativas, se assombrou, mas não recuou, não cedeu; inventou um tratamento para o caos, “para o fim do mundo”, como ele diz. O próprio Allan comenta que “não foi ingênuo” em relação a esse trabalho, e que ele “sabia muito bem” o que estava fazendo com sua câmera fotográfica, embora tenha ao final se surpreendido com o resultado.

uma (duas) curta entrevista com Allan Weber

Com o livro-documento de Allan Weber nas mãos, livro que comporta algumas dessas fotografias, organizadas através séries, tais como “tamu junto não é gorjeta”, “traficando arte” e outros - documentos que atestam, segundo o próprio Allan “uma realidade de quem é cria (da favela), de quem tem que fazer essas correrias sem se envolver com o tráfico de drogas”, ainda que seja inevitável que ele apreenda seus códigos, estratégias e de lá recolha uma estética.

** separamos duas imagens do livro para comentar.

Na primeira, é possível ver um um braço humano segurando uma embalagem de papelão. Esse braço atravessa uma pequena porta, aberta no que parece ser o portão metalizado de um restaurante prestes à encerrar o expediente daquela noite. É possível ver que há cadeiras lá dentro, talvez a bancada de um bar. A imagem mostra muito pouco, mas o suficiente para se imaginar que aquela embalagem vai viajar na mochila do entregador até um destino qualquer. A casa de alguém, por exemplo. Não se vê Allan na imagem (autor daquela fotografia), assim como não é possível ver o rosto do funcionário do restaurante. Não sabemos quem preparou aquele pedido nem quem irá recebê-lo em sua casa. Vemos muito pouco, mas entendemos quase toda narrativa e o jogo de relações que se produz a partir de um pedido virtual de entrega de comida pela internet.

Na segunda imagem vemos somente a mochila térmica. A *bag* de entrega. Lembro que foi o próprio Allan quem ensinou que essa grande mochila, quase sempre em tons avermelhados, chama-

se *bag*, em inglês mesmo. Quando nos encontramos ele estava com ela. Fiquei imaginando o que havia no interior da mochila. Allan tirou de dentro dela o seu livro, como quem tira um coelho da cartola. O livro estava embrulhado em papel pardo, assim como a sacola da primeira imagem. Abri o envelope, como faria um menino que anseia pelo último capítulo da história de seu herói preferido. O livro estava assinado, logo depois de uma gentil dedicatória feita por Allan. Conversamos um pouco. Ele não tinha pressa, mas havia uma pessoa esperando e não nos alongamos, tanto quanto eu gostaria, naquela agradável conversa sobre seu trabalho fotográfico.

Dentro do livro, fui rapidamente capturado por uma fotografia, a segunda imagem que separamos para comentar. Nela, a mochila está aberta e assim é possível ver uma pequena embalagem. Talvez a primeira embalagem recolhida para um conjunto de longas viagens, ou talvez a última que sobrou entre outras entregas. Ainda está quente? Eu me pergunto vendo aquela imagem. O pacote é muito pequeno. Uma sobremesa, talvez. Pouco se sabe sobre estes pacotes na perspectiva do entregador. Há um segredo, “um silêncio”, Allan diz. Ao entregador se confia apenas a entrega. Deste lugar, o que é possível fazer?

A experiência humana não é um campo delimitado apenas por imagens ordenadoras ou por estruturas sócio-simbólicas, mas também é território de forças disruptivas, forças estas que Lacan chamou por *real*. O que fazer diante do real, nome do assombro, do caos, do impossível - isso que não tem lugar no reino do simbólico porque não pode ser trocado em palavras e que não pode ser colonizado por uma imagem? Reconhecemos na função da arte (especialmente a partir da orientação de Lacan * aqui me refiro a uma passagem de um texto de G.Wajcman citando Lacan e dizendo que o que cabe ao artista é mostrar aquilo que sem ele não seria possível ver) ...portanto reconhecemos uma possibilidade de dar algum tratamento a esse real que resiste à representação.

Se a fantasia denuncia a presença de uma invisibilidade que nos constitui, a fotografia de Allan Weber - seu truque de luz, **artifício** que revela algo do invisível, que contorna o real da angústia (essa que não engana), fotografia que faz uma borda, acomoda excessos e que pode ser por nós analistas chamamos por estratégia singular, não-toda nesse sentido, ficção, recurso ou até invenção (nos termos de J-A Miller), não pode por nós, sobretudo, ser reconhecida sem o sabor do lirismo de um olhar de resistência à própria condição de invisibilidade. Esse parece ser mesmo o compromisso de Allan Weber com a fotografia: mostrar, assim como Lacan uma vez se referiu à *função da arte*, através da potência da sua câmera, aliada à delicadeza de seu olhar, *uma vida inteira que tu não conhece*.

Durante o dia a dia sentado na moto, retirando lanche, subindo escada, elevador... Passo a reparar na grande quantidade de estímulos visuais que toda uma classe vivencia todos os dias e de maneira silenciosa. Dessa forma passo a documentar momentos das entregas e revelar situações vivenciadas apenas por aqueles que estão na correria dessa profissão. Fé fé rapaziada. (Weber, A., 2021. publicação online)

REFERÊNCIAS:



imagem 1.

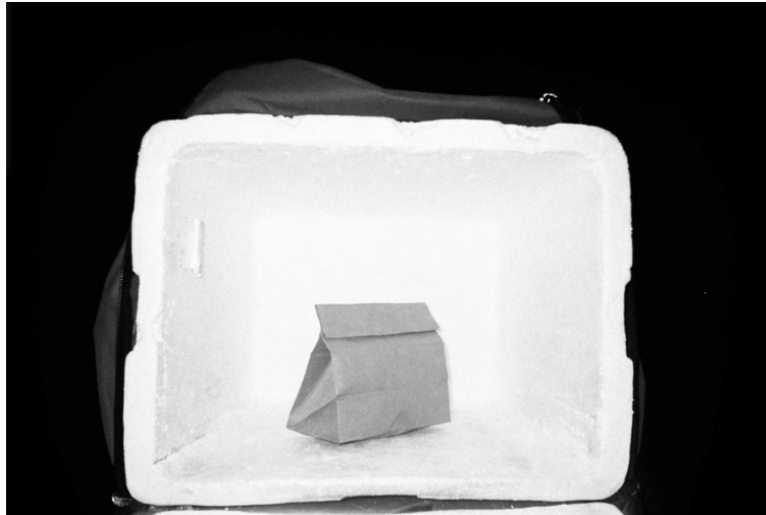


imagem 2.

[1] título do livro de fotografias de Allan Webber. Produção e impressão independente. ano: 2020.

[2] psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica: psicanálise, clínica e cultura pela PUC/RJ, Doutorando em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, Coordenador do Grupo de Estudos do Programa de Estágio em Saúde Mental na Casa Verde e colunista da Revista Caju.

Weber, Allan (2021). “Tamu junto não é gorjeta”. In: Revista Zum #20. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, abril de 2021, p.161.

_____. (2021) “Tamu junto não é gorjeta”. <https://www.allan-weber.com/#1>. Acesso em 06.10.2021.
